



# CRÔNICA ELEFÂNTICA

Desfragmentando o disco

Quinhentos e vinte anos de crise financeira e desigualdades variadas completou o Brasil pandêmico em 22 de Abril de 2020. Ninguém deu bola. As UTIs estavam todas lotadas na ocasião. Como se dizia na faculdade: *muita, muitíssima rôla, pra pouco, pouquíssimo cu tende a tirar a atenção de todo mundo, não importa o diâmetro das bitolas e a largura dos monossílabos*. Machado de Assis, que Mefistófeles e o Anjo Gabriel o tenham, já preconizava essa relação num texto de 29 de dezembro de 1861 com seus dois "Brasis". O real e o oficial. Na palavras do escritor, *"o país real, esse é bom, revela os melhores instintos; mas o país oficial, esse é caricato e burlesco."* Lembra da gripezinha? Pois é. BEM oficial, né? Já minha mãe, médica concursada do estado de Pernambuco que fez uma vaquinha pra levantar cinco mil reais pra adquirir E.P.I.s pra rede pública de saúde, parece bem real, né não? 159 anos do comentário de Machado e o Rio de Janeiro continua lindo.

### Foda-se.

Foda-se de novo caso tenha perdido o primeiro.

Essa pandemia acabou com muitas vidas, mas acabou também, pelo menos por enquanto, com aquela conversa mole da classe média de "vou me mudar pra Portugal". Vocês sabem: se mudar pra Portugal é a evolução do mochilão pela Europa que adornou as famílias brasileiras mais abastadas nos anos 2000. Da mesma forma, o dito mochilão é a versão 2.0 da deseja viagem à Disney que as crianças e seus pais igualmente infantis sonhavam na década de 1990, quando o Brasil era tetra, o salário mínimo era cem conto e a passagem pra Miami era milzão. Hoje, estamos todos sobre o mesmo solo por tempo indeterminado, variando somente na altura dos apartamentos, no número de pessoas por cômodo e na quantidade de pedidos no ifood. O curioso é que, assim como em 1990epoucos, os salgadinhos *elma chips* voltaram a ter tazos, só que os de agora são muito safados, muito fuleiros. Não vale a pena nem me estender nesse assunto.

A verdade é que tudo está uma merda e um texto sobre este momento, mas sem esta quantidade exorbitante de palavras de baixo calão, vulgo palavrões, jamais teria a capacidade de passar as sensações que me tomam enquanto escrevo. Não dá pra negar que o esgotamento chegou. E talvez tenha sido pra ficar. E talvez tenha sido pra ficar mascarado de puro e desesperado negacionismo. Gente sem máscara, praias cheias, UTIs lotadas e a Rede Mundial dos Cadáveres contratando mais funcionários do que nunca. É tudo muito *machadianamente* oficial, mas junto com o sofrimento, vem a inspiração e o Brasil real.

A vida é sempre daqui pra frente. Escrever e desenhar pro Elefantes Na Sala, bem como fechar parcerias com intuito de fomentar a cultura e a capacitação das próximas gerações, têm sido o que mantêm meus zovos no lugar sem que a hidrocele do ódio faça com que eles toquem o piso vinílico do escritório. Meu álbum em quadrinhos "A Saga Do Porco Dourado" está a um degrau de ser encaminhado para a impressão. O projeto gráfico, assinado por Eduardo Padrão, e a edição, capitaneada pela grande Dandara Palankof, ficaram fodas. Espero que distribuir esse material seja bom pras nossas carreiras, mas, sobretudo, seja melhor ainda pra quem mergulhar na narrativa. Digo isso como forma de proporcionar um alívio momentâneo aos leitores. Uma gota de *gleid toque de frescor* num deserto de merda de gato.

2020 se provou mais que um ano, se provou um verdadeiro **Megazord de desgraça**, mas, não devemos perder o norte. Nas palavras de Falcão, *"no Brasil, nem tudo está perdido/ Muita coisa ainda há pra se perder"*. Por isso, que façamos cada vez mais cybersexo, tomemos mais chás pra conter a ansiedade e continuemos a lidar, através do consumo de arte, com esse sentimento pequeno burguês de impotência. No fundo dos fundos, a gente precisa se divertir pra não enlouquecer.

## ARTISTA DO MÊS

Falcão Maia, cantor

## TRASHIEIRA CULT

Highlander, a série de TV



Não saberia por onde começar a interpretar a relevância e profundidade que a poesia **falconética** trouxe à minha vida. Pra muita gente, ele é o cantor do girassol, meio humano, meio figura folclórica da cultura brasileira. Bom, essa imagem, eu garanto, é somente um resíduo deixado pelo seu surgimento cataclísmico nos anos de 1990. A verdade é que a obra de Falcão, permeada por uma inteligência rara e um raciocínio ligeiro tal qual o de um **Ricardo** a fugir de um **Corno** empossado de uma metralhadora, é algo que somente um cérebro grande o suficiente para preencher um crânio cearense é capaz de produzir. *O Dinheiro Não É Tudo, Mas É 100%*, álbum de 1994, que, a meu ver, é sua *mangun opus*, sintetiza bem o que quero dizer. O sujeito que o escuta, confronta o arrojado projeto gráfico do disco e nada sente, posso até arriscar: trata-se de um corpo sem alma. E Falcão, do alto de seus 1,93m, ainda é pouco corpo pra muita alma.

No primeiro capítulo da série, que ignora o final do longa original de 1986, Christopher Lambert, ou melhor, Connor MacLeod, nos apresenta a Duncan MacLeod, um mago (mago significa "um cara" e pernambuquês) que era parte do clã MacLeod nas antigas, quando os dois viviam na Escócia. Duncan é o protagonista do seriado, gancho para expandir a mitologia dos Highlanders com altas doses de **heterossexualidade mística, torada, culta e muitos corpos besuntados**. Os episódios seguem uma cronologia linear ao longo de suas seis temporadas, mas, como a produção data de 1992, essa cronologia é apenas superficial e as aventuras, em geral, são focadas no desafio da semana. A qualidade dos roteiros é foda. Adrian Paul, que vive o tal Duncan, é umas mil e duzentas vezes mais artista marcial que Lambert e, como se não fosse o bastante, é um sujeito meio *latin lover*, versado em artes e literatura, que prefere aproveitar a imortalidade curtindo a vida com um bom vinho tinto ao invés de sair por aí procurando cabeças pra decepar. De qualquer forma, sempre tem alguém atrás dele e nunca dá bom pro desafiante. De zero a dez, eu daria quinze e uma estrela dourada pra produção, atuações e aura. A versão dublada é *golden top*, com direito a Leonardo Camilo, o Ikki de Fênix, na voz do protagonista.

## PRA REFLETIR

*"Limpo não é aquele que mais toma banho, mas sim o que menos se suja."*  
Collins, Phill

## UMA IMAGEM



## LEMBRANÇAS DO SÉCULO 20

## PERFORMANCE

Molejo - ao vivo na Rádio Mania



Gostou da newsletter e quer receber as edições mensais dela? Clique aqui e assine a nossa campanha de financiamento coletivo no Catarse num dos planos a partir de R\$ 15,00!

O medley é um assunto delicado. É preciso muita categoria e elegância para sintetizar várias obras musicais numa única performance. O andamento e a tonalidade são obstáculos contornáveis, mas a essência do quebra-cabeça não se encaixam esteticamente, não existe habilidade que resolva. Pelo menos, era isso que eu achava até encontrar essa performance exuberante, bucólica e boêmia de *Anderson Leonardo* e sua turma. Uma obra de arte em se tratando de Brasilzão real. Destaques para o fascínio do apresentador em 1:51. Tenha o apelo da nesse dia ele dormiu na sala. (Clique na imagem para assistir)

# MUITO IMPORTANTE

EM BREVE,  
A CLÁSSICA SAGA DO  
PORCO DOURADO  
EM SUA VERSÃO IMPRESSA  
E RECHEADA DE  
EXTRAS!



Assine o plano Seu Elefântão no Catarse e garanta seu exemplar autografado!

Recife, 2020